Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Chanceler
Dom Dadeus Grings

Reitor
Joaquim Clotet

Vice-Reitor
Evilázio Teixeira

Biblioteca Central Irmão José Otão
César Augusto Mazzillo – Diretor

Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

Autoria José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo
Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação Michelângelo M. M. Viana
João Vítor Hanna de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo
Ensiqlopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro quarto / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.
102 p.
Modo de acesso: World Wide Web: <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS

Título da Obra: Ensiqlopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 4
Disponível em: http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto
Está licenciada sob a licença Creative Commons:
Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil
http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/

Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548
Email: biblioteca.central@pucrs.br
www.pucrs.br/biblioteca

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

ROMANCES E COMÈDIAS.

COMÈDIAS.

MATHEUS E MATHEUZA.

Maio 12 de 1866.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

PERSONAJENS:
Matheus, velho de 80 annos; Matheuza, item;
Catharina, Pêdra e Silvestra — filhas:
Barriôs — criado.

Matheus (caminhando em roda da caza; e Matheuza assentada em huma cadeira):

Que estão fazendo as meninas; que ainda as não vi hoje?!

Matheuza (balançando-se): E o Sr. que se impórta, Sr. velho Matheus com as suas filhas?!

Math. (voltando-se para ésta): O'ra é boa esta! a Sra. sempre foi, é, e será huma (atirando com as mãos), — não só impertinente, como atrevida!

Matheuza: O'ra, veja lá, Sr. Torto (levantando-se)! se estamos no tempo em que o Sr. a seu bêlo prazer me insultava! agora eu tenho filhos que me hão de vingar!

Math. (abraçando-a): Não; não, minha querida Matheuza; tu bem sabes que isto não passa de impertinencias dos 80: tem paciencia; vai me aturando, que te hei de deixar minha universal herdeira (atirando com huma perna) de rheumatismo que o dêmo do teu Avô torto meteu-me nesta pérna! (atirando com hum braço) das inchações que todas as primavéras arrebentão nestes braços! (abrindo a camiza) das chagas que tua mãi com seus lábios de venus imprimiu-me neste peito! e finalmente (arrancando a cabeleira): da calvice que tu me pregastes, arrancando-me óra os cabelos brancos, óra os pretos, conforme as mulheres com quem eu falava.! se elas (virando-se para o Publico) os tinhão pretos, assim que a sugeitinha podia, arrancava-me os brancos sob o frivolo pretexto de que me namorávão! se elas os tinhão brancos; fazia-me o mesmo, sob ainda o frivolissimo pretexto de que eu as namorava.! (batendo com as mãos, e caminhando) E assim è; e assim è, — que calvo.! calvo, calvo, calvo, calvo, calvo, calvo. (algum tanto cantando) calvô,... calvô,... calvô.... ô... ô... ô.!....

Matheuza (pondo as mãos): Meu Deos.! que homem mais mentirozo.! Céos.! quem diria qe ainda aos 80 este judeu errante havia de proceder como aos quinze, quando roubava fructas do Pai.!

Math. (com fala e vóz muito roquenha): O'ra, Sra.! óra Sra.: quem; quem lhe dice éssa asneira?! (profére estas palavras querendo andar, e quazi sem poder: é este o todo do velho em quazi todos os seus discursos).

Matheuza (empurrando-o): Então para que fala de mim a todas as môças que aqui vem, Sr. chino?! para que; em? se o Sr. não fosse mais namorador que hum macaco prezo a hum cêpo, cértamente não diria—que sou vélha, feia, e magra.! que sou doente da ásma; que tenho huma perna mais curta que a outra; que... que... finalmente, que já (voltando-se com expressão de terrôr) não lhe sirvo para os seus fins de (pondo a mão em hum olho) de... o Sr. bem sabe.! (esfregando com as cóstas das mãos o outro com vóz de quem chora): sim; se eu não fosse desde a minha mais tenra idade hum espelho, typo, ou sombra de vergonha e de acanhamento, eu diria (virando-se para o publico): Já não quer dormir com migo.! diz: feio.! (sahindo da sala) feio.! mau.! velho.! rabujo.! tãobem não

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

te quéro mais, fedorento.!

Math: Mas (voltando-se para o fundo): e as meninas; onde estão.!? onde? onde? (puxa a cabeleira). Pêdra.! Catharina.! Silvestra.! (escuta hum pouco) Nemhuma aparece.! crueis.! farião o mesmo que a Mãi.!? fujirão de mim.!?

Coitado.! póbre de quem é velho.! as mulheres fógem; e as filhas desaparecem.!

Scena segunda.

Pêdra (entrando): O que é Papaizinho? o qe é que quer? o que tem? sucedeu-lhe alguma couza? Não? (pegando-lhe no braço).

Math. (como acordando-se de hum sonho): Em? (esfregando os olhos) em? o que é? que é? chegou alguem? eu estava; aqui estava.

P.: Que tem meu Pai?

Math. (assoando sem tocar no nariz, e olhando): Vejão o que é ser velho.! Menina; menina, já que estás aqui, dá-me hum lenço; anda, (pegando nos braços da filha) anda, minha queridinha; vê hum lenço para o vosso velho paizinho! Sim; sim; vai; vai; anda (fazendo-a caminhar).

P. (voltando-se): Tambem este meu Pai cada vez fica mais pôrco.! por isso é que a minha mãi já enjoou ele tanto, que nem o póde vêr.! (sahindo). Eu já vou buscar.! espére hum minuto (com as mãos fazendo-o parar): já venho, Papai.! já venho; e vou buscar-lhe hum dos mais lindos (com ar graciozo) que encontrar em meu guarda-roupa.! ouvio, Papai? ouvio?

Math: Sim, sim; já ouvi. Tu sempre fostes o encanto dos meus ólhos; o sonho de todos os meus momentos... (entra outra) ésta menina (voltado para o Povo) é os encantos da imaginação desta cabeça (batendo com as mãos, huma de cada lado da cabeça); e objecto que ao vêr, me enche (apalpando o coração) este coração de alegria.!

Catharina: E eu, Papai.! e eu, então não mereço alguma!?

Math. (voltando-se, e olhando para Catharina): Minha querida Filha.! minha querida Catharina (abraçando-a).! és tu, oh.! quanto me apráz ver-te.! se tu soubesses, queridissima Filha, quão grande é o prazer que banha (inclinando, e levando a mão ao peito) este peito.! Sim; (tornando a abraçal-a); Tu és hum dos entes qe fazem com que eu préze a velha existencia, ainda por alguns dias.! Sim, sim, sim.! Tu, tua sábia irmã Pêdra; e... e aquela que ainda hoje não tive a fortuna de ver; a tua mais que sympathica Irmã Silvestra, — são todas tres os Anjos que me ampárão; que me alimentão o corpo e a alma; por quem, e para quem vivo; e morreria, se fosse mistér.!

Entra Silvestra aos pulinhos, e Pêdra (fazendo passos de dança).

Silvestra: Pápaizinho do meu coração (abraçando-o pelas pérnas)! Você é o meu tudo! O'lhe pápaizinho: eu sonhei que o Sr. queria um lenço; e corri! tomei este que a mana Catharina lhe trazia; e lhe trucé!

Math.: Quanto sou feliz! (péga o lenço; e enchuga os ólhos)

Cath.: (A' parte; e com expreção de dôr): Ele dice que a outra éra simpática: e de mim, nem ao menos diz que sou formósa! Sempre é vêlho: não sábe agradár a todos!)

Ped.: Pápai! eu não fui portadôra do que me-pediu, porque a Silvestra é muito vêlháca, e é muito ligeira! assim que me vio com o lenço na mão; tomou-mo, e correu para trazer-lhe primeito que eu!

Silv.: E' porque eu quéro (dando com a mão na irmã) mais bem ao Pápái do que Você: ahi está!

P.: Pois não! não vê que a Sra. já pezou os graus de amor que em meu coração eu consagro a meu Pai. . . .

Silv.: Não preciso pêzar! ólhe: no seu coração existe cérta fôrça ou quantidade de amôr consagrado (afagando com as mãos) ao pápáizinho! e em mim, todo o meu coração é puro amor a ele u. butado!

P.: Vejão só (com aspecto impertinente, desgostozo; rósto franzido, pondo a cabeça de um lado; &) como é rethorica! não pensei que a Sra. estivesse tão adiantada! Não estudou; não se preparou hoje tãobem em seus vêlhos alfarrábios de filosofia!? Se não se preparou, para outra vez prepáre-se, e vêja se ganha mais um afeto do papái!

Cath. (acomodando-as): menias! (pegando no braço ou mão de uma e de outra) acomodem-se;, vocês parécem nênês.

Math.: Meus anjos (tãobem querendo acommodal-as) Minhas santas; minhas virgens...não quéro que briguem, porque isso me desgósta. Sábem que já sou vêlho e que os vêlhos sao sempre mais sensiveis que os mióços.... Quéro vêl-a contentes; contentezinhas; ao contrario fico triste.

P. e Silv. (formando com as mãos pegadas umas nas outras um circulo em róda dopái): Nósso Pápáizinho! não hade se desgostar: não nade se desgostar. Não hade chorar: não hade chorár (dansando): Nós havemos de amparar o nosso querido papai).

Humas para as outras: Vamos; pulemos; dansemos; e cantemos: todos! todos a uma só vóz: (O Pai vira-se ora para uma ora para outra, cheio do maiór contentamento: o sorrizo não lhe sahe dos lábios: os ólhos são ternos; a face se franze de prazer; quér fallar; e apenas diz: Meu Deus! eu sou; eu sou tão feliz! que.... sim; sou: sou muito feliz.!)

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

—As filhas cantam:—

Nós somos tres anjinhos;
E quatro eramos nós;
Que do céo descemos;
E o amparo procuremos:
—Mataremos ao algôz—
Destes dois nossos paizinhos!

Sempre fomos bem tratadas
Quer deste, quer daquela:
Não queremos, que a maldade,
Para nossa infelicidade,
Maltrate a ele ou a éla....
Mataremos tresloucadas!

Não somos só anjos
Que assim pensamos;
Que assim praticâmos;
Tãobem são os archanjos!

De principados —exercitos
Temos; tambem de virtudes!
De thronos! Não mudes,
Papai! vivam as órdens!

—Para debelarmos facinoras!
—Para triumfarem direitos,
—As armas temos nos peitos!
—A força de milhões d'espiritos!

Terminado o canto, abraçarão todas o Pai, e este a élas, banhados todos na maior efusão de jubilo)

P.: (para o pai); Agora, Papai vamos coser, bordar, fiar; fazer renda; (para as irmãs): Vamos, Meninas: a Mamãi já hade ter a nossa tarefa pronta para nos dar trabalho!

Cath.: Ainda é cêdo; eu não ouvi dar oito horas; e o nósso trábalho sempre principia ás nóve.

Silv: Eu não sei o que hei-de fazer hoje: se bordar, se fiar, ou se crivar!

P: Por bem de Deos, você nunca sabe o que hade fazer.!

Silv: (olhando-a com certo ar de indiferença) Se te parece, minha muito querida Maninha; chama-me de — preguiçoza.!

P: Não; isso eu não digo, porque a Sra. deu as mais deslumbrantes provas de que ha de vir a ser lá.... (elevando a mão) para o fucturo huma môça das mais trabalhadôras, que eu conheço! E ainda hoje disso deu segurança no jardim do quintal, em que não ficava flôr, que não fosse pela Sra. cultivada.!

Silv: Inda bem que a Sra. sabe, e faz-me o obzequio de dizer.! e se eu o não fôra ainda, não éra de admirar; pois não conto mais, de nove a dés annos de idade.

Math (voltando-se para Silvestra): Pois a Sra. esteve no quintal!?

Silv: Pois então, Papai; eu não havia de ir cortar, arrancar todas as ervas perniciozas, que crecendo destroem as plantas; as flores preciozas.!?

Math (com muita alegria, pegando a filha): Filha.! Filha minha.! vem a meus braços! (abraça-a e beija-a muitas vezes)

Fazes, minha muita amada Silvestra — o que Deos faz aos Governos.! o que os bons Governos fazem aos Governados.! prendem; castigão; melhorão; ou inutilizão os maus — para que não ofendão, nem prejudiquem os bons.! E vocês (para as outras) o que fazião, durante o tempo em que a minha intelijente Silvestra procedia com tanto acerto, praticando huma tão meritoria ação, e digna dos maiores elogios.!?

P. e Cath. (Quazi ao mesmo tempo): Eu regava as minhas plantas e flores, com a mais fresca e cristalina agua, afim de que crecessem, e desabrochassem — perfeitas, e puras.! (isto dice Catharina).

P: Eu Papai; mudava algumas, e plantava outras.

Math: Já vejo que todas trabalharão muito! hei-de fazer a cada huma das Sras. o mais lindo prezente! (movendo a cabeça — inclinando-a) Isto é, quando eu sahir á rua.! pois bem sabem que eu aqui não tenho com que lhes prezentear.

P: Eu quero... quero: o qne hade ser (levantando algum tanto a cabeça e refletindo) huma bonéca de cêra, do tamanho da (apontando) Silvestra! e toda vestida de sêda; ouvio Papai? com brincos, aderêço... o Sr. sabe como se vêstem as moças que se cazão; assim é que eu qero! Não se esqueça; não se esqueça de comprar, e me trazer assim. Olhe (batendo-lhe a mão no braço) se na loja do Pacifico não tivér, tem na do Leite, na do Rodolpho, ou do Paradéda.

Silv: Eu me contento com menos! quero hum vestido de seda, lavrada a barra, e as mangas, a fio de ouro; com blonds, e tudo o mais qe se uzar, do mesmo fio, ou daquilo que fôr mais moderno.

Math. (para Silvestra): Contentas-te só com isso.!? Não queres sapatos de seda, botinas de veludo tãobem bordadas de ouro, ou enfeite fino para a cabeça?

Silv: Não, Papai; basta o vestido; o mais tudo eu tenho muito bom, e em estado de poder servir com o lindo vestido que lhe pesso.
Sempre gostei da economia; e sempre aborrecí a prodigalidade.!

Math: Estimo muito; é o mais fiel retrato da moral do velho Matheus.! (para Catharina) E a Sra., que está tão calada.! Então, não pede nada?

Cath: As manas já lhe pedirão tanto, que eu não sei o que lhe hei-de pedir; parece que tudo

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

ha-de custar tanto dinheiro, que se o Sr. não tivesse ainda ha pouco tirado a sorte grande na loteria do Rio de Janeiro, eu acreditaria — que teria de vender a cabeleira, para saptisfazer tantos pedidos.!

Math: Não; não menina.! o que elas pedem custa pouco comparativamente aos meus e vossos rendimentos! diga, diga: o que mais estimará que eu lhe traga, para comprar e trazer-lhe?!

Cath: Pois bem; eu vou dizer-lhe: mas V. Mce. não se ha-de zangar.

Math: Não; não: pessa o que quizer, que eu com muito prazer lhe trago.!

Cath: Pois então, visto que tem gosto em me fazer hum prezente... até se eu não tivesse de ir a hum baptizado á caza da minha amiga e comadre D. Leocadia das Neves Navarro e Souto, eu não diria o que mais precizo, e quero que me dê... é hum ramalhete das mais delicadas flores que se costumão vendêr nas lojas das modistas francezas e alemãs.

Math: E levou tanto tempo para pedir huma couza de tão pouco valôr!?

Cath: Não é de muito pequeno valôr.! o que eu quero é de huns muito mimozos, cujo preço sobe a dés ou dôze mil reis!

Math: Pois então, isso é muito barato! Mas como é o que me pede, fique certa que hade ser servida, tanto mais que tem a intenção de se aprezentar com ele em hum baile, baptizado, ou não sei que festa!

Cath.: E' quanto basta; e com elle ficarei muito contente!

(Matheuza entra renguiando, revirando os olhos, e fazendo mil tregeitos; as filhas que a observão dizem umas para as outras: Ahi vem a Mamãi! quasi em segredo, rápidamente: olhem a mamãi.! vamos.! vamos.! já são nove horas.! (para o Pai): Papai.! não se esqueça das nossas encommendas, como nós não nos esquecemos d'orar a Deos para que prolongue seus dias; e que estes sejão felizes.! Até logo á hora de jantar (E fazendo uma profunda cortezia depois de lhes beijarem a mão, pegando nas sáias dos vestidos), que é quando poderemos ter o inexprimivel prazer de passar alguns preciósos momentos em sua estimavel companhia.

Scena terceira

Matheuza: (aproximando-se ás filhas): Vió, meninas, vão fazer a sua costura.! está tudo marcadinho.! cada uma das Sras. tem na sua almofada o panno, a linha, a agulha; e tudo o mais que é necessario para trabalhar até as 2 da tarde. O que é de bordar para a Pêdra, está desenhado á lápis; os picados para a Catharina, estão alinhavados; e a costura liza, a camiza deste velho feio (batendo no hombro do marido) está começada. Tenhão cuidado: fação tudo muito bem feitinho.

Cath., P., e Silv. como sabe somos obedientes filhas; deve por isso contar que assim havemos fazer. (sahem.)

Matheuza (para o marido batendo-lhe no hombro): Já sei que está repassado de prazer,! esteve com suas queridas fillhinhas mais de duas horas.! e eu lá sofrendo as maióres saudades.!

Math.: E' verdade, minha querida Matheuza (batendo-lhe tambem no hombro) mas, antes de te dizer o que pretendia, confessa-me: Porque não quizestes tu o teu nome de batysmo, que te foi posto por teus fallecidos Pais?

Matheuza: Porque achei muito feio o nome Jonatas que me puzéram; e então preferi o de Matheuza que bem casa com o teu.!

Math.: Sempre és mulher.! e não sei o que me pareces depois que ficastes velha e rabugenta.!

Matheuza (recuando um pouco) Es bem atrevido! De repente, e quando não esperares heide tomar a mais justa vingança das grosserias, das duras afrontas com que costumas insultar-me.!

Math. (aprocimando-se e éla recuando):

Matheuza: Não se chegue pará mim (pondo as mãos na cintura e arregaçando os punhos) que eu não sou mais sua.! Não o quéro mais.! Já tenho outro com quem pretendo viver mais felizes dias!

Math.: (correndo a abraçal-a apreçadamente) Minha queridinha; minha velhinha.! minha companheirinha de mais de 50 annos (agarrando-a) por quem és; não fujas de mim.! do vosso velhinho.! E as nossas queridas filhinhas.! que seria delas, se nós nos separassemos; se tu buscasses depois de velha e feia outro marido, ainda que moço e bonito.! qe seria de mim? que seria de ti? Não, não.! não.! tu jámais me deixarás: (tanto se abração; agarrão; pégão; beijão-se, que cáe um por cima do outro).

Math.: Ai.! que quazi quebrei uma perna.! ésta velha é o diabo.! sempe mostra que é velha, e renga.! (querem erguer-se e sem pôder) isto é o diábo.!.....

Matheuza: (levantando-se, querendo fazel-o apreçadamente e sem poder, cobrindo as pernas que, com o tombo ficárão algum tanto descobertas): E' isto, este vélho.! pois não querem ver só a cára dele.! parece-me o diabo em figura humana.! estou tonta. Nunca mais, nunca mais heide aturar este carneiro velho, e já sem guampas.! (Ambos levantão-se muito devagar; a muito custo; e sempre praguejando hum contra o outro.)

Matheuza: (fazendo mensão ou dando no ar óra com huma óra com outra mão): Heide ir-me embora; heide ir; heide ir.!

Math.: Não hade ir; não hade ir; não hade ir porque eu não quero qne vá.! você é minha mulhér; e pelas leis tanto civis como canonicas

Imagem digitalizada do original pertencente ao acervo da PUCRS

tem obrigação de me amar e de me aturar; de comigo viver, até eu me aborrecer,! (bate com hum pé) Hade.! hade.! hade.!

Matheuza: Não heide.! não heide.! não heide.! Quem sabe se eu sou sua escrava.!? é muito graciozo; e atè atrevido.! querer cercear a minha liberdade.! e ainda me fala em Leis da Igreja, e civis, como se alguem fizesse cazo de papéis borrados.! quem è que se importa hoje com Leis (atirando-lhe com o código criminal) Sr. banana.! bem mostra que è filho d'hum lavrador de Vianna.! Pégue lá o Código Criminal, —traste velho em que os Doutores cóspem e escarrão todos os dias, como se fosse huma nojenta escarradeira.!

Math.: "espremendo-se todo, abaixa-se, levanta o livro e diz á mulher"; Obrigado pelo prezente: advinhou ser couza de que eu muito necessitava.! "mete-o n'algibeira" (A parte). Ao menos servirá para algumas vezes servir-me de suas fôlhas, huma em cada dia que estas tripas "pondo a mão na barriga" me revelarem a necessidade de ir á latrina.!

Matheuza: Ah.! já sabe que isso não vale couza alguma; e principalmente para as Autoridades — para quem tem dinheiro! estimo muito; muito; e muito.! (Pega em outro — a constituição (p. do Imperio, e atira-lhe na cara).

Math: (gritando): Ai.! cuidado quando atirar, Sra. D. Matheuza! não continúo a aceitar seus prezentes; se com eles me quizer quebrar o nariz! (apalpa este, e diz:) Não partiu, não quebrou, mas entortou! (e como o nariz tem parte de cêra, fica com ele assás torto. Ainda não acaba de endireital-o, Matheuza atira-lhe com outro de historia sagrada, que lhe bate n'uma orêlha postiça, e que por isso com a pancada cahe; dizendo-lhe): Eis o terceiro e ultimo, que lhe dou para... os fins a que o Sr. quizér aplicar.!

Math. (ao sentir a pancada grita): Ai! que fiquei sem orelha! ai.! ai.! onde cahiria.!? (atirando com os livros na velha e com raiva) Por mais que recomendasse a esta endemoninhada que não queria prezentes caros, este demonio havia de quebrar-me o nariz, e pôr-me fóra huma orelha! O' Matheuza do diabo! com que, partes desta caza sem ir eu amanhã ao baile masquê, vizitar as Pavôas!? e...

Matheuza (batendo com o pé) Cachorro! ainda me fala em pavôas, e em baile masquê!? traste! ordinario! já.... rua, seu marôto.!

Math: (voltando-se para o publico): Já se-viu qe escalér velho mais impertinente.! espèrem qe eu lhe boto cavernas nóvas! (procurando huma bengala) Achei.! (com a bengala em punho) já que a Sra não faz cazo da lei escripta.! falada.! e jurada.! — ha-de fazer da lei cacetada.! paulada! ou bengalada! (bate com a bengala no chão).

Matheuza: Ah! dessa lei, sim; tenho medo! (A' parte) Mas elle não pode com migo, porque eu sou mais leve que elle; tenho melhor vista; e pulo mais (péga em huma cadeira, e dá-lhe com ela; dizendo): O'ra tome lá! (Ele apara a pancada com a bengala, encolhendo-se todo; enfia esta na cadeira; empurrão para lá; empurrão para cá.

As filhas (aparecendo na porta dos fundos; humas para as outras: Vai lá (empurrando)! outra: vai tu apartar! outra: eu não; quando eles estão assim, eu tenho medo, porque sou pequenina.!

Math.: Ai! eu caio! quem me acóde! perdí o queixo!

Matheuza (gritando e correndo): Ai! eu esfolei hum braço, mas deixo-lhe a cadeira enfiada na cabeça! (quer assim fazer e fugir, mas Matheus atira-lhe a cadeira ás pernas; ela tropessa e cahe; ele vai acudil-a; quer correr; as filhas convidão-se a fugir; ele cahe aos pés da velha.

(Entra hum criado, passados alguns minutos; terminadas as gargalhadas que sem dúvida devem desenvolver-se por algum tempo).

Barriôz (criado): Eis, Srs., as consequencias funestas que aos administrados ou como taes considerados, traz o desrespeito das Autoridades aos direitos destes; e com tal proceder aos seus proprios direitos: A descrença das mais sábias instituições, em vez de só a terem nesta ou naquela autoridade que as não cumpre, nem faz cumprir! a luta do mais forte contra o mais fraco! Finalmente, — a destruição em vez da edificação! o regresso, em vez do progresso!

FIM DA COME'DIA.

Porto-alegre, Maio 12 de 1866.
Beco do Rozario, sobrado de 3 janelas, n.° 21

PELO RIO-GRANDENSE — JOZÉ JOAQIM DE QAMPOS LEÃO, QORPO-SANTO; AOS 37 ANNOS DE IDADE.

Em quatro ou cinco hóras de trabalho.

—********—